

## A ALOMORFIA DOS PRONOMES DE OBJETO EM CABOVERDEANO

por Andrés Pablo Salanova (University of Ottawa)<sup>1</sup> e Fernanda Pratas (CLUL/FLUL)<sup>2</sup>

### RESUMO

Em caboverdiano, os pronomes de objeto podem ser clíticos fonológicos ou formas pronominais livres, em contextos quer acusativos quer dativos. Crucialmente, as formas clíticas são proibidas nos verbos marcados com o morfema de passado *-ba*. Este facto foi analisado antes (Baptista, 2002) como estando relacionado com a proibição de agrupamentos de clíticos. Assim, nesta perspetiva, *-ba* é considerado um clítico que, por sua vez, impede a ocorrência de outros clíticos. Um problema para esta análise é que tem de ser estipulado que *-ba* seja um clítico, quando não temos qualquer evidência nesse sentido. No presente artigo, propomos uma solução para estes factos do caboverdiano que é do domínio da fonologia, baseando-nos nos dois elementos seguintes, justificados de forma independente: (i) uma simples regra de acento; (ii) um filtro contra a hipótese de o acento de palavra fonológica recair fora da raiz verbal. Se a nossa proposta estiver correta, ela trará suporte ao quadro teórico da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993): os morfemas são feixes de traços abstratos (sintáticos e semânticos) que só recebem traços fonológicos tardiamente, satisfazendo nessa altura todas as regras e restrições fonológicas da língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crioulo de Cabo Verde; afixo de passado; clíticos de objeto; regras fonológicas; inserção tardia.

### THE ALLOMORPHY OF OBJECT PRONOUNS IN CAPEVERDEAN

#### ABSTRACT

In Capeverdean, object pronominals can be phonological enclitics or free-standing forms, either in accusative or dative contexts. Crucially, pronominal enclitic forms are ruled out on verbs carrying the past suffix *-ba*. This fact has been analysed (Baptista, 2002) as being related to the banning of clitic clusters. In this view, the affix *-ba* is considered a clitic, barring other enclitics. A problem of this view is that *-ba* has to be stipulated to be a clitic, where there is no evidence for this. In this paper, we propose a phonological solution to these Capeverdean facts, based on the following two

1. Professor de Linguística na *University of Ottawa* e Doutor em Linguística pelo *Massachusetts Institute of Technology*.

2. Pesquisadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa.

elements, independently justified: (i) a simple stress rule for the language; (ii) a filter against shifting the stress out of the verb stem. If our phonologically based proposal is correct, it gives support to the distributed morphology framework (Halle e Marantz, 1993): morphemes are bundles of abstract (syntactic-semantic) features that are provided with phonological features at Vocabulary Insertion (VI), which is conditioned by phonological rules and constraints.

KEYWORDS: Capeverdean creole; past affix; object clitics; phonological rules; late insertion.

## 1. INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

O caboverdiano é uma língua crioula de base portuguesa falada por meio milhão de pessoas na República de Cabo Verde. Este arquipélago, situado próximo à costa do Senegal, foi colônia portuguesa até 1975. As línguas que compõem o substrato do caboverdiano, faladas pelos escravos dos rios da Guiné levados à ilha de Santiago no século XV, provêm principalmente das famílias mande e atlântica. O caboverdiano é também a língua materna de praticamente todos os caboverdianos da diáspora, que são estimados em cerca de um milhão, e vivem principalmente em Portugal, nos Países Baixos, na Suíça, e nos Estados Unidos. No Brasil, apesar de existirem associações caboverdianas tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, a comunidade é muito reduzida, contando com apenas algumas centenas de pessoas.

Em caboverdiano, não são permitidos sujeitos referenciais nulos em orações matrizes (Pratas, 2007; Costa e Pratas 2013) e também não são permitidos objetos nulos – neste aspecto, como aliás em muitos outros, a gramática desta língua crioula apresenta diferenças substanciais face ao seu lexificador europeu. Quanto ao sistema de marcação de tempo, aspecto e modo (TAM), a variante de cabo-verdiano falada em Santiago conta com três morfemas lexicalmente realizados, dois dos quais pré-verbais (*ta* e *sata*), e um terceiro afixado em posição pós-verbal (*-ba*).<sup>4</sup> Em Pratas (2010, 2012), é defendido que existe ainda um morfema zero ( $\emptyset$ ), sem o qual não parece ser possível dar conta de determinados contrastes semânticos. As diversas interpretações disponíveis na língua são conseguidas através da presença ou ausência de *-ba* – no primeiro caso, temos uma leitura de passado, no segundo temos uma leitura de presente – combinadas com qualquer dos morfemas pré-verbais. Assim, temos:

- (1)  $\emptyset$  V (forma “nua”) = grosseiramente, corresponde a uma determinada interpretação de perfeito<sup>5</sup>  
*ta* V = presente habitual (ou futuro, dependendo de outras informações disponíveis na frase)  
*sata* V = presente progressivo

3. A pesquisa para este trabalho foi financiada em parte pelo projeto *Eventos e subeventos em caboverdiano* (PTDC/CLE-LIN/103334/2008), da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal. Este artigo se deriva de uma comunicação apresentada no *15<sup>è</sup> Colloqui de Gramàtica Generativa*, Barcelona. Agradecemos aos participantes do colóquio por vários comentários que foram aproveitados nesta versão escrita.

4. Existem ainda dois outros morfemas que se afixam em posição pós-verbal, *-du* e *-da*, que participam nas construções passivas, mas estes não são relevantes para o presente trabalho.

5. De fato, a interpretação da forma nua é próxima ao pretérito perfeito composto, não na acepção iterativa que este tem em português (eu tenho visto João), senão na interpretação de relevância para o presente que ele costuma ter em inglês (I have seen John = Já vi o João); para maiores precisões, ver Pratas (2012).

*ø* V-*ba* = passado-mais-que-perfeito

*ta* V-*ba* = pretérito imperfeito (ou condicional, dependendo de outras informações disponíveis na frase)

*sata* V-*ba* = passado progressivo

Crucialmente, existe uma distribuição complementar entre os enclíticos de objeto e o marcador de passado {-*ba*} que é difícil de explicar por meio de princípios sintáticos, semânticos ou morfológicos. Os exemplos que seguem ilustram esta complementariedade:

(2a) N ódja Djon            *eu vi o Djon*

(2b) N odjába              *eu tinha visto*

(2c) N odjá-l                *eu o vi*

(2d) N odjába el            *eu o tinha visto*

(2e) \*N ódjaba-l / \*N odjába-l / \*N odjabá-l

Observe-se em primeiro lugar que, quando o verbo *odja* ‘ver’, que em sua forma “nua” tem uma interpretação que traduzimos aqui por meio de um passado simples (ver nota 3), recebe um enclítico de objeto ou o morfema de passado *-ba*, o acento da palavra é deslocado uma sílaba à direita (comparem-se (2a) com (2b) e (2c)). Ao mesmo tempo, a afixação ou ênclise de ambos os morfemas simultaneamente é impossível, seja qual for o padrão acentual da palavra, em particular, mesmo se o deslocamento do acento à direita ocorrer duas vezes (cf. (2e)). A alternativa é expressar o objeto como um pronome independente, com seu próprio acento e sem efeito algum sobre a posição do acento na palavra verbal, como se vê em (2d). O morfema de passado não tem uma variante acentuada, e é sempre afixado ao tema verbal.

A complementariedade entre o morfema de passado e os clíticos de pessoa tem sido descrita e analisada por Baptista (2002), que propõe um *template* morfológico. Tal como expomos abaixo, esta proposta não dá conta corretamente e de forma completa dos fatos observados. O presente trabalho avança uma solução do problema baseada na interação da morfologia com a prosódia. A estrutura do trabalho é como segue: a seção 2 descreve aspectos da fonologia do caboverdiano que são pertinentes para a nossa análise; a seção 3 resume as soluções anteriormente apresentadas ao problema em questão, apontando onde elas falham; a nossa proposta é desenvolvida na seção 4, enquanto a seção 5 apresenta algumas implicações da análise para a teoria morfológica e conclui o trabalho.

## 2. ALGUNS ASPECTOS RELEVANTES DA FONOLOGIA DO CABOVERDIANO

Em caboverdiano, há uma regra de acentuação da palavra que é sensível ao peso silábico, e que atribui o acento da palavra fonológica à sílaba que contém a penúltima mora. Todos os segmentos que ocorrem na coda, isto é /r, l, m, n, s/, são moraicos. Esta regra dá conta do padrão acentual de praticamente todas as palavras da língua:

(3a) káza            *casa*

(3b) imbés            *ao invés de*

(3c) armúm            *irmão*

(3d) katxór            *cachorro*

Os ditongos ascendentes contam como uma única mora, e por conseguinte, o acento da palavra cai normalmente na penúltima sílaba se o núcleo da última for um ditongo ascendente:<sup>6</sup>

(4a) xátia            *chatear*

(4b) pápia            *falar*

Em alguns casos excepcionais, a última consoante é marcada como extramétrica no léxico; em (5) damos alguns exemplos de palavras em que isto ocorre. Não conhecemos nenhum caso em que o segmento marcado como extramétrico seja uma vogal:

(5a) ménos            *menos*

(5b) kinhéntus            *quinhentos*

(5c) lápís            *lápiz*

Até onde pudemos observar, não são necessárias provisões particulares para lidar com palavras morfológicamente complexas:

(6a) padjínha            *maconha (padja) fraca*

(6b) bistídu            *vestido*

(6c) kárus            *carros*

---

6. Omitimos aqui a menção a outras complexidades, tais como a prosodificação de ditongos descendentes e o padrão acentual dos compostos, já que estas não são relevantes à nossa análise.



A encliticização é também impossível após a forma passiva dos verbos, terminada em {-du}. Isto pode ver-se com verbos bitransitivos, em que a passivização normalmente promove o objeto indireto à função de sujeito:

(9a) \* N      dadu-l  
       eu      dar.PASS-3SG

(9b) N      dadu      el  
       eu      dar.PASS    3SG  
       *Ele me foi dado.*

Como já apontamos acima, esta restrição ao enclítico de objeto também se aplica quando o verbo é sufixado com o marcador de passado {-ba} (aqui glosado como PST):

(10) \*E      odjaba-m                    / E      flaba-m  
       3SG    olhar.PST-1SG                3SG    dizer.PST-1SG  
       Pretende-se: *Ele me olhava, ele me dizia*

Há um número reduzido de elementos que podem ocorrer entre o verbo e o objeto. Quando estes ocorrem, a encliticização não é permitida. Veja-se o caso da preposição *di* ‘de’:

(11a) N      odja    so      el  
       1SG    ver    só      3SG

(11b) \*N      odja    so-l  
       *Eu vi só ele*

(11c) N      gosta    d’el  
       1SG    gostar    di.3SG

(11d) \*N      gosta    di-l  
       *Eu gostei dele*

A encliticização também não é permitida quando o objeto é complexo, isto é quando o pronome é coordenado com um outro sintagma nominal, exceto mediante uma duplicação do pronome de objeto, tal como se vê em (12b):

(12a) \*Nu      odja-l                    ku      Maria  
       1PL    ver-3SG                e      Maria  
       Pretende-se: *Nós vemos ele e Maria*

(12b) Nu odja-l ael ku Maria  
 1PL ver-3SG 3SG e Maria  
*Nós vimos ele/ela e Maria*

(12c) Nu odja Maria ku el  
 1PL ver-3SG Maria e 3SG  
*Nós vimos Maria e ele/ela*

(12d) \*Nu odja Maria ku-l  
 1PL ver Maria e-3SG  
 Pretende-se: *Nós vimos Maria e ele*

Note-se que a oração em (12a) é aceitável se {*ku*} for a preposição ‘com’ e o sintagma *ku Maria* um adjunto do sintagma verbal, dando a leitura ‘Nós com a Maria vimos ele’.

Com estes fatos empíricos, temos todos os elementos necessários para apresentar a nossa análise para a restrição de coocorrência entre o afixo de passado e os clíticos pronominais de objeto exemplificada em (2). Antes disso, apresentamos alguns argumentos contra a análise proposta por Baptista (2002), a única análise deste fenômeno a ter sido publicada.

Segundo Baptista, um *template* morfológico no verbo caboverdiano determina que exista uma única posição pós-verbal. Os sufixos de TAM (em particular *-ba*) e os clíticos de objeto entram em competição para preencher essa posição. A existência de uma única posição morfológica para esses elementos proporciona uma explicação tanto para ausência de combinações de clíticos pessoais, quanto para a impossibilidade de se combinarem os clíticos pessoais com o sufixos de TAM.

A nossa análise, tal como a análise de Baptista, considera que a restrição observada acima é relativamente superficial, e não depende de princípios sintáticos mais profundos. Porém, no lugar de avançar uma simples estipulação, pretendemos explicar os fenômenos mediante princípios mais gerais.

Há razões teóricas e empíricas para desconfiarmos de um simples *template* como explicação dos fatos. Por um lado, parece-nos teoricamente inadequado estipular que elementos de pessoa e de TAM ocupam uma mesma posição no *template* morfológico, sendo que eles não são nunca fusionados (como ocorre, por exemplo, com a pessoa do sujeito e alguns tempos verbais no Português). Por outro lado, há evidências empíricas de que os afixos de TAM e os clíticos de pessoa devem ser colocados em duas posições morfológicas distintas.

Considerem-se os poucos verbos caboverdianos com uma forma irregular do pretérito: {*era*} ‘era’, {*sabia*} ‘sabia’ (que alterna com a forma regular {*sabeba*}) e {*tinha*} ‘tinha’ (que alterna com as formas {*tenba*} e {*teneba*}). Nestes casos, devemos falar de fusão entre a morfologia de TAM e o tema verbal, ou então de seleção de alomorfes em ambos os sentidos. No caso, os alomorfes irregulares {-*a*} e {-*ia*} selecionariam em cada um destes verbos um alomorfe da raiz distinto da raiz não marcada.

Crucialmente, nunca há tal fusão ou seleção de alomorfes entre os clíticos de pessoa e a raiz verbal, o que sugere que, do ponto de vista morfológico, o afixo de TAM deve ser considerado mais próximo à raiz do que os clíticos de objeto. Por outro lado, enquanto os clíticos de objeto têm formas independentes que são usadas em vários contextos, tais como na coordenação e na focalização, o afixo {-ba} é sempre um morfema ligado a um hospedeiro de natureza verbal. Temos que concluir, portanto, que clíticos e afixos de pessoa ocupam duas posições distintas no *template* morfológico, se este de fato existe.

#### 4. O PAPEL DO ACENTO

Na nossa análise, partiremos do pressuposto de que, se bem que os afixos de TAM e os clíticos de pessoa são categorias morfológicas distintas, elas são ambas parte da palavra fonológica que contém a raiz verbal. A nossa proposta para explicar o fenômeno da restrição de coocorrência entre clíticos e afixos de TAM depende deste pressuposto, bem como de propriedades prosódicas da palavra fonológica que são atestadas de forma independente.

Consideremos novamente o padrão acentual do caboverdiano, descrito acima. Estabelecemos, por um lado, que o acento principal cai na sílaba que contém a penúltima mora, e que todas as consoantes em coda silábica são morais (cf. exemplos em (3)), havendo apenas excepcionalmente marcação de extrametricalidade (cf. exemplos em (5)). Por outro lado, estabelecemos que os temas morfológicamente complexos não apresentam nenhuma particularidade para a acentuação (cf. exemplos em (6)), sempre que se trate de morfologia derivacional.

De fato, o domínio correto para a generalização sobre o acento é a palavra fonológica, com enclíticos e sufixos flexionais incluídos, como pode ver-se nos dados que abrem este trabalho, repetidos parcialmente aqui:

(13a) ódja ‘olha’

(13b) odjába ‘olha’ + PST

(13c) odjá-l ‘olha’ + CL

Como pode ver-se aqui, o acento principal da palavra muda com a presença do afixo de passado e o clítico de objeto,<sup>9</sup> mantendo sempre a generalização de que ele recai sobre a sílaba que contém a penúltima mora.

---

9. O paradigma completo de clíticos pronominais de objeto pode ver-se nos exemplos seguintes:

|               |                    |
|---------------|--------------------|
| a. N ódja.    | <i>eu vi</i>       |
| b. E odjá-m.  | <i>ele me viu</i>  |
| c. N odjá-u.  | <i>eu te vi</i>    |
| d. N odjá-l.  | <i>eu o/a vi</i>   |
| e. E odjá-nu. | <i>ele nos viu</i> |
| f. N odjá-s.  | <i>eu os vi</i>    |

Porém, este movimento do acento não é ilimitado. Propomos o princípio seguinte, que é observacionalmente correto:

(14) Em Caboverdiano, o acento principal da palavra não pode cair fora do tema.

Se olharmos novamente o paradigma apresentado em (2), repetido agora de forma completa em (15), veremos que este princípio junto com a regra de acentuação tem valor explicativo para excluir as variantes agramaticais de (15e):

(15a) N ódja Djon            *eu vi o Djon*

(15b) N odjába              *eu tinha visto*

(15c) N odjá-l                *eu o vi*

(15d) N odjába el            *eu o tinha visto*

(15e) \*N ódjaba-l / \*odjába-l / \*odjabá-l

As formas {ódjabal} e {odjábal} simplesmente violam a regra de acentuação, pois o acento principal recai em sílabas anteriores à que contém a penúltima mora. A forma {odjabál}, entretanto, viola o princípio em (14), pois o acento principal recai no sufixo flexional {-ba}, que é externo ao tema verbal.

A análise supõe, portanto, que os marcadores pessoais de objeto em caboverdiano têm cada um dois alomorfes: um enclítico e o outro com acento próprio. O princípio (14) determina que o enclítico não poderá ser utilizado se o verbo já tem um afixo de TAM que desloca o acento à última sílaba do tema verbal, obrigando a que a forma livre do marcador de pessoa seja usada neste caso. Mas o que é que impede que a forma livre seja usada livremente, por exemplo, em casos como (16)?

(16a) \* N ódja el  
       *eu vi ele*

Propomos que este exemplo é agramatical por um princípio de economia: havendo um alomorfe átono que pode ser inserido sem violar princípio algum, a inserção de um alomorfe acentuado é mais custosa e, portanto, fica excluída.

Em segundo lugar, podemos perguntar-nos o que é que exclui a encliticização em contextos em que a palavra sobre a qual o clítico se apoiaria não é um verbo. Em particular, o que exclui a encliticização no exemplo seguinte, em que o marcador de pessoa do objeto direto segue um objeto indireto?

(17a) N da Maria el  
eu dar Maria ele  
*Eu dei-o à Maria*

(17b) \* N da Mariá-l

Casos em que a alomorfa de um clítico é sensível à categoria da palavra sobre a qual ele se apoia não são difíceis de encontrar. Um exemplo que podemos citar é o da alomorfa do artigo definido feminino em espanhol, que assume a forma masculina quando o substantivo seguinte começa por uma vogal tônica:

(18a) agúja (fem): *la aguja, las agujas*

(18b) águila (fem): *el águila, las águilas*

(18c) ábaco (masc.): *el ábaco, los ábacos*

Esta alomorfa não ocorre quando o elemento que segue o artigo é um adjetivo, mesmo em função nominal:

(19) *la álta águila / \* el álta águila*  
*la álta / \* el álta*<sup>10</sup>

Voltando ao caboverdiano, resumimos o que ocorre mediante o princípio seguinte:

(20) O alomorfe enclítico do pronome de objeto só é admissível se o seu hospedeiro é um verbo.

Devemos esclarecer que tal restrição sobre a enclitização não se aplica aos marcadores de sujeito, que podem tornar-se enclíticos de palavras tais como *pa* ‘para’, *ma* ‘que’ (complementador) e *dja* ‘já’. Isto pode ser verificado nos exemplos seguintes:

(21a) E            pa-u            bai    undi-m.  
ser    para-2SG    ir    onde-1SG  
É para você ir a minha casa (visitar-me)

(21b) N            obi    fla    m'-e            fika    duenti.  
1SG   ouvir   dizer   que-3SG    ficar   doente  
*Eu ouvi que ele ficou doente*

10. *El alta* é de fato uma combinação possível quando trata-se do substantivo *alta* (e.g., *dar el alta* = *dar baixa*), mas nunca no sentido adjetival *aquela que é alta*.

(21c) Dj'-e txiga.  
 já-3SG chegar  
*Ele já chegou*

Finalmente, devemos notar que nunca é possível ter mais de um clítico pronominal apoiado no mesmo verbo, mesmo quando isto não implicaria uma mudança de acento que viole o princípio (14):

(22a) \*N da-l-u / \*N prizenta-s-u  
 eu dar-3SG.OI-2SG.OD eu apresentar-3PL.OI-2SG.OD  
 Pretende-se: *Eu dei você a ele/ela/ Eu apresentei você a eles/elas*

(22b) N da-l bo.  
 eu dar-3SG.OI 2SG.OD  
*Eu dei você a ele/ela.*

(22c) N da-u el.  
 eu dar-2SG.OI 3SG.OD  
*Eu dei-o/a a você.*

(22d) N prizenta-s bo.  
 eu apresentar-3PL.OI 2SG.OD  
*Eu apresentei você a eles/elas*

Não há nos exemplos agramaticais *\*prizentá-s-u* e *\*dá-l-u* nada que viole as regras de acento ou o princípio (14), o que nos obriga a procurar outra explicação à sua agramaticalidade. Note-se que também não se trata de qualquer problema quanto à ordem entre os complementos: em caboverdiano, a ordem de palavras em construções de duplo objeto deve ser objeto indireto seguido de objeto direto, e isso aqui está respeitado. Mantemos, então, que o princípio (20) é suficiente para explicar estes casos, sendo que ele é enunciado em termos estritamente de linearidade, e não estruturais. Isto é, no momento em que chegamos ao clítico de objeto direto, o elemento imediatamente à esquerda (i.e., o hospedeiro) não é mais o verbo senão um outro clítico pronominal, que, como dissemos acima, não está morfologicamente integrado no verbo da mesma maneira em que estão os afixos de TAM. Outras explicações igualmente plausíveis deste fato podem vir à tona, mas não pretendemos explorá-las a fundo aqui. Uma delas, mencionada em Pratas (2007), seria que os clíticos são inerentemente moraicais (uma observação que parece empiricamente correta), e que isto impediria a prosodificação de uma sequência de dois clíticos. Nisto o caboverdiano diferiria do português europeu, que permite uma ressilabificação de um clítico consonantal à direita com perda de uma mora (*dei-lho*, *deu-mo*, etc.), mas seria similar ao que ocorre na maioria das línguas românicas, em que o clítico é sempre moraicado e sua consoante resiste a ressilabificação em ataque.

## 5. IMPLICAÇÕES PARA A MORFOLOGIA

Neste trabalho, analisamos a alomorfa dos clíticos pronominais como um caso de alternância morfológica condicionada pela prosódia. Se bem que sejam abundantes os exemplos de fenômenos em que isto ocorre (veja-se por exemplo a alomorfa do artigo definido em espanhol descrita acima), gostaríamos de concluir este trabalho com uma breve reflexão sobre a implicação da nossa análise para a relação entre a morfologia e a fonologia.

A alternância entre as formas enclíticas e as formas livres dos marcadores de objeto não pode ser reduzida a regras fonológicas, mesmo se permitirmos regras específicas destes elementos. É evidente que pares de formas tais como *bo* e *u* (a forma livre e enclítica da segunda pessoa do singular, informal) devem ser listadas em separado, como dois alomorfes distintos de um único morfema abstrato. Isto é similar ao que seria necessário fazer com o alomorfe *el* do artigo definido feminino em espanhol, usado diante de substantivos iniciados com /a/ tônica.

Para escolher o bom alomorfe do artigo definido do espanhol, basta lançar mão da noção de *inserção tardia* da Morfologia Distribuída (Halle e Marantz, 1993), e supor que a posição do artigo é preenchida por um feixe de traços morfológicos cuja forma só é determinada uma vez que o contexto fonológico é especificado. A alomorfa do caboverdiano, no entanto, apresenta uma complexidade adicional.

De fato, não é possível dizer simplesmente que a forma do marcador de pessoa do objeto depende do contexto fonológico: o marcador de pessoa *determina* o contexto fonológico. Se o padrão acentual que ocorre após a cliticização é válido, a forma enclítica do marcador de pessoa é escolhida; se não o for, o alomorfe independente é escolhido.

Se a nossa análise da alomorfa for correta, estamos diante de um paradoxo para uma abordagem derivacional à morfologia: não é possível escolher o alomorfe sem algum tipo de *look-ahead*, isto é, sem contemplar duas derivações possíveis e escolher aquela que funciona, algo que não é permitido nas abordagens derivacionais mas que é relativamente corriqueiro em abordagens representacionais.

Esboçamos, então, uma formalização simples do fenômeno em termos representacionais (seguindo o formalismo introduzido por Prince e Smolensky, 1993),<sup>11</sup> lançando mão de três restrições abreviadas: ACENTUAÇÃO é a regra geral de acentuação do caboverdiano, que requer que o acento principal de palavra caia na sílaba que contém a penúltima mora da palavra fonológica. ACENTUAR TEMA representa nosso princípio (14), enquanto \*ESTRUTURA representa o princípio de economia apresentado logo após o exemplo (16), que penaliza a forma independente da marca de pessoa. PrW abrevia “palavra prosódica”:

---

11. Ao nosso ver, a violabilidade das restrições não é um elemento essencial da análise, mas sim o é a avaliação simultânea de vários candidatos. Escolhemos o formalismo otimalista por ser este relativamente conhecido, mas não pretendemos dizer com isto que todos os aspectos da teoria da otimalidade são relevantes à nossa solução.

(23)

| odja, [3sg]  | ACENTUAÇÃO | ACENTUAR TEMA | *ESTRUTURA |
|--|------------|---------------|------------|
|  |            |               |            |
| ([ódja] <sub>St</sub> ) <sub>PrW</sub>                       | *!         |               |            |
| ([odjá] <sub>St</sub> ) <sub>PrW</sub>                       |            |               |            |
| ([ódja] <sub>St</sub> ) <sub>PrW</sub> (él) <sub>PrW</sub>   |            |               | *!         |
|  |            |               |            |
| odjaba, [3sg]  | ACENTUAÇÃO | ACENTUAR TEMA | *ESTRUTURA |
|  |            |               |            |
| ([odjá] <sub>St</sub> bal) <sub>PrW</sub>                    | *!         |               |            |
| ([odja] <sub>St</sub> bál) <sub>PrW</sub>                    |            | *!            |            |
| ([odjá] <sub>St</sub> ba) <sub>PrW</sub> (él) <sub>PrW</sub> |            |               | *          |

Em conclusão, consideramos que casos de alomorfa como os dos marcadores de pessoa de objeto em caboverdiano, que interagem com a prosódia de uma maneira que não pode ser capturada por uma simples sequência ordenada de regras, constituem um argumento a favor da avaliação simultânea de várias formas superficiais.

## REFERÊNCIAS

- Baptista, M. (2002). *The syntax of Cape Verdean Creole, the Sotavento varieties*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Costa, J. & Pratas, F. (2013). Embedded null subjects in Capeverdean. *Journal of Linguistics*, 49(1):33-53. doi:10.1017/S0022226712000217
- Ferreira, M. (2004). *Diminutives in Brazilian Portuguese and output-output correspondence*. Comunicação apresentada no LSRL 34.
- Halle, M. & Idsardi, W. (1993). General properties of stress and metrical structure. In John Goldsmith (ed.), *Handbook of phonological theory*. Oxford, Blackwell Publishers.
- Halle, M. & Marantz, A. (1993). Distributed Morphology and the pieces of inflection. In K. Hale and S. J. Keyser (eds.), *The View From Building 20*. Cambridge, MA, MIT Press: 111-176.
- Pratas, F. (2012). 'I know the answer': A perfect state in Capeverdean. In I. Franco, S. Lusini & A. Saab (eds.), *Romance languages and linguistic theory 2010*, selected papers from Going Romance 24, 65-86, Leiden. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_. States and temporal interpretation in Capeverdean. In R. Bok-Bennema, B. Kampers-Manhe, & B. Hollebrandse (eds.), *Romance languages and linguistic theory 2008*, selected papers from *Going Romance*, Groningen 2008, 215-231. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

\_\_\_\_\_. *Tense features and argument structure in Capeverdean predicates*. Doctoral dissertation, Universidade Nova de Lisboa.

Prince, A. & Smolensky, P. (1993). *Optimality theory*. Ms, Rutgers.

Ximenes, C. (2004). *Diphthong formation in Brazilian Portuguese and its interaction with plural and diminutive morphemes*. Ms, MIT.